

HISTÓRIA E CINEMA: REPENSANDO O USO DE FILMES NA SALA DE AULA

Neemias Oliveira da Silva¹

RESUMO

Este artigo é resultado de projeto de extensão que teve como objetivo discutir o uso de filmes em sala de aula, buscando contextualizar os conteúdos trabalhados em sala de aula com a crítica apresentada na produção cinematográfica. Metodologicamente, foram realizadas discussões teóricas sobre o cinema e a exposição de filmes com posterior debate. Os participantes do projeto também aplicaram os conhecimentos em discussão na produção de pequenos vídeos que foram, ao final do curso, apresentados em uma mostra de curtas. O desenvolvimento do projeto resultou, especialmente, em uma compreensão diferenciada do uso de filmes em sala de aula, tanto por parte dos professores como por parte dos alunos participantes, que passaram a visualizar os filmes como material didático importante no processo de formação.

Palavras-chave: Cinema. Filmes. Educação.

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo geral discutir com professores de história, acadêmicos e afins os usos do cinema, de filmes históricos na sala de aula. Para isto é necessário entender os diversos aspectos que configuram a relação do cinema com a história, aprender os recursos audiovisuais utilizados na produção cinematográfica, relacionar aspectos do contexto histórico em produções fílmicas e ver os cuidados que se deve tomar ao utilizar este recurso em sala de aula, aprender técnicas de filmagem, fotografia e iluminação, ter contato com um set de filmagem, produzir material didático específico como referencia para o ensino de história. Neste sentido, a importância em se desenvolver atividades formativas abordando questões audiovisuais na educação.

O projeto foi desenvolvido por meio de cursos que abordaram a linguagem cinematográfica e o uso dos recursos audiovisuais e os cuidados que se deve ter ao utilizar o filme como recurso didático. As atividades da ação extensionista foram desenvolvidas, especialmente, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, para os alunos e professores desta instituição. Com esta perspectiva, realizamos cursos para as turmas de Informática e Edificações, além da participação de professores e funcionários. No seu total tivemos 44 participantes presentes nos cursos ministrados.

Nos primeiros encontros passamos a discutir a linguagem do cinema, as técnicas utilizadas, a construção dos roteiros, a edição e a construção dos personagens. Haja vista o público dos cursos, composto em sua maioria por estudantes do ensino médio profissionalizante, buscamos juntos aos professores do Instituto Federal articular suas aulas com aquilo que estava sendo trabalhado. As disciplinas de português, produção de texto, artes, história, educação física, informática e outras passaram a trabalhar consonante com a proposta do curso de extensão. Dessa forma, este curso de extensão tornou-se relevante na medida em que passou a envolver os alunos de ambas as turmas, incentivando os mesmos a produzirem textos, a criarem personagens, tornando-os mais participativos nas aulas, muitos destes alunos desenvolveram suas habilidades e competências por meio de trocas de experiências. A seguir apresentamos as reflexões

1 Unidade Universitária de Goiás – Professor e Coordenador do Curso de Licenciatura em História -

neemias.oliveiradasilva@gmail.com

teóricas que deram base para a discussão do cinema com os participantes, assim como, os resultados alcançados com a proposta.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O historiador Jean-Claude Bernadet diz que o cinema trouxe a ilusão, algo que parece verdadeiro, embora saibamos que é mentira. Para ele, o filme é “[...] um pouco como num sonho: o que a gente vê e faz num sonho não é real, mas isso só se sabe depois, quando acordamos. Enquanto dura o sonho, pensamos que é verdade. Essa ilusão de verdade, que se chama impressão de realidade, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema” (BERNARDET, 2000, p. 12). Nesse parâmetro, a ilusão esteve presente desde o surgimento da cinematografia, como em Meliès na França, até a organização da linguagem cinematográfica através da criação do roteiro, da utilização dos cenários e dos movimentos de câmera.

A partir dos Annales (1929), movimento que revolucionou a abordagem historiográfica por meio do uso de novas fontes, novos objetos e novos métodos, as ideias e o costumes ganharam um campo maior de atenção. Nascia assim, a Nova História. Sobre a mudança no campo das técnicas e dos métodos, o historiador José Carlo Reis relata que “[...] os documentos se referem à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças, às suas diversas formas de vida social” (REIS, 1994, p. 126). Nesse aspecto, com a História Nova os documentos são arqueológicos, pictográficos, icnográficos, fotográficos, cinematográficos, numéricos, orais, enfim, de todos os tipos.

A História Nova incorpora o cinema como um documento plausível de ser estudado e analisado. Um dos precursores desta característica é o historiador francês Marc Ferro. Para ele o cinema revela muito do seu tempo, ou seja, do momento em que foi feito.

[...] o cinema destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo se tinha constituído diante da sociedade. A câmara revela o funcionamento real daquela, diz mais sobre cada um do que queria mostrar. Ela descobre o segredo, ela ilude os feiticeiros, tira as máscaras, mostra o inverso de uma sociedade, seus lapsus. É mais do que preciso para que, após a hora do desprezo venha a da desconfiança, a do temor [...] A ideia de que um gesto poderia ser uma frase, esse olhar, um longo discurso é totalmente insuportável: significaria que a imagem, as imagens [...] constituem a matéria de uma outra história que não a História, uma outra análise da sociedade. (FERRO, 1977, p. 202-203).

Mesmo a imagem sendo uma “construção”, uma “representação”, o cinema reflete o contrapoder da sociedade por revelar as ideologias e por apresentar um olhar diferenciado sobre a sociedade. Um filme, mesmo nas relações com o discurso histórico revela suas próprias tensões. Assim, ao analisar um filme o educador pode se posicionar de forma crítica na história em curso e ser um participante ativo na construção do pensamento do educando.

Nesse sentido, a utilização do cinema como um documento histórico leva-nos a uma melhor compreensão de períodos que outrora se apresentavam de maneira obscura em documentos ditos oficiais. Entretanto, todo documento se renova a partir da visão do historiador. Assim, o imaginário, os ritos, os signos e mitos passaram a fazer parte da construção das sociedades e de seus respectivos contextos históricos. Marc Ferro (1976, p. 203) ressalta que: “[...] aquilo que não se realizou, as crenças, as intenções, o imaginário do homem, é tanto a História quanto a História”.

A partir desta concepção apresentada por Marc Ferro, o historiador deve tomar cuidado ao fazer a leitura de seu documento fílmico. Um documentário que se baseia em fatos reais pode ser uma construção, assim como um filme de ficção, que também pode apresentar cenas reais. A relação histórica e historiográfica da leitura fílmica se expressa pela construção da narrativa do objeto estudado, que por sua vez ocorre através da conjunção de sentidos que os filmes atribuem ao tempo que constroem.

Dessa forma, o cinema é a expressão do homem. É na projeção da tela que os diferentes tipos de gêneros se cruzam, e que as inúmeras histórias, mitos e fábulas adquirem consistência. Todo este aparato faz regir um complexo comércio que alimenta o desenvolvimento do mercado cinematográfico. A publicidade que aparece nos filmes e nas salas de projeção, bem como as distribuidoras que enviam filmes para estas salas e os espectadores que pagam pela bilheteria constitui o mercado cinematográfico.

A narrativa cinematográfica é um conjunto de sons, imagens e discursos verbais direcionados a compreensão do espectador. Ao ser projetado temos que ter consciência que o filme passou por diversas etapas até chegar às salas de cinema, tais como a preparação do roteiro, das filmagens e da edição do produto. A natureza fílmica é heterogênea e sua estrutura é uma composição de técnicas que levam o espectador a construir um mundo de ilusões perceptíveis ao seu modo.

Com isso, o pesquisador da obra fílmica tem que transcender a própria obra e buscar compreender como que a película foi recebida pelo público e como este reagiu frente à produção cinematográfica. O crítico Jean Mitry relata que o público atribui significado a imagem sequencial dentro da edificação e elaboração das ideias do cineasta. Significação que está associada à narrativa, pois a imagem em si não traz significados, pois a mesma passa a ter significado após entrar em contato com o público. A busca de algum significado na imagem fílmica, já é por si um exercício interpretativo. Neste contexto, torna-se essencial pensar o profissional da educação como um mediador do ensino, e que o filme possa ser utilizado não apenas como ilustração ou como um recurso secundário, mas como um recurso audiovisual de análise, haja vista que os recursos neste universo cinematográfico são diferentes dos recursos da linguagem escrita, não que esta não deva ser enfatizada, mas o filme deve ser visto como uma possibilidade de se explorar novas ideias ou abordagens históricas, como instrumento de expressão social e de contato com novas tecnologias.

É preciso enfatizar que a imagem cinematográfica é uma construção, realizada pela junção de recursos e equipamentos próprios ao mundo do cinema, tais como o som, a iluminação, a fotografia, o roteiro e as câmeras. Nesse contexto, a produção cinematográfica é uma construção de uma determinada visão da realidade. Ao produzir uma obra fílmica, as escolhas do diretor influenciam a execução da mesma, pois é ele quem indica os atores, elabora o roteiro, escolhe os cenários e aponta a temática que será abordada.

As características expostas até aqui indicam que o historiador e os estudiosos dos recursos audiovisuais, ao se ocuparem dos estudos de fontes fílmicas, tornam-se necessário ainda estabelecer um diálogo com outras formas de expressão, tais como a imagem, o movimento e o som. Assim, um objeto fílmico permite variadas leituras, suscetíveis a temporalidades e ângulos de análise distintos.

O olhar metodológico do historiador sobre o objeto fílmico é diferente da visão do cineasta, do crítico ou do diretor, pois além do significado da produção cinematográfica, levasse em conta a sua relevância quanto objeto de cunho historiográfico. O historiador Marcos Napolitano completa dizendo que:

[...] é menos importante saber se tal ou qual filme foi fiel aos diálogos, à caracterização física dos personagens ou a reprodução de costumes e vestimentas de um determinado século. O mais importante é entender o

porquê das adaptações, omissões, falsificações que são apresentadas num filme. Obviamente, sempre louvável quando um filme consegue ser “fiel” ao passado representado, mas esse aspecto não pode ser tomado como absoluto na análise histórica de um filme. (NAPOLITANO, 2006, p. 237).

Um documento fílmico apresenta as mesmas armadilhas de um documento escrito. O espectador cinematográfico estabelece uma relação com a produção em consonância com o seu mundo. O historiador deve observar que a imagem fílmica não determina por completo o mundo do espectador, sendo antes uma ilusão.

Todavia, nesse conjunto o espectador também exerce um papel ativo frente à produção cinematográfica, pois ao assimilar e interpretar a imagem fílmica faz por meio de suas vivências e aspirações. O educador ao analisar o objeto fílmico fará com base na produção humana que é permeada de historicidade, com significações sociais, políticas e econômicas que fundamentam a prática docente.

Um filme não é uma produção neutra, ele traz consigo uma carga de valores e ideias, sendo testemunha de seu tempo e das mudanças sociais. Assim, o filme é um documento histórico contemporâneo, que variante ao gênero que pertença, somente alcançara o seu objeto de interpretação e de análise se estiver associado aos outros documentos de cunho historiográfico, sublinho a relação da literatura com o cinema e suas adaptações. Nesse viés, a representação audiovisual da história refere-se à expressão do passado através da linguagem fílmica. Com isso, o estudioso do mundo das imagens fílmicas não pode exigir uma fidelidade da produção do objeto fílmico em relação às suas fontes de informação. Nesta multiplicidade o cinema se configura como uma importante fonte para o ensino e a pesquisa, não como uma produção autônoma, mas como resultado do processo de transformação social cabível de análise e crítica.

3- METODOLOGIA

Em primeiro lugar destacamos que seguimos uma perspectiva crítica na análise da utilização de filmes/vídeos em sala de aula. Entendemos que, muitas vezes, professores têm utilizado filmes como quase como apêndices sem significado para o conteúdo trabalhado. Portanto, concebemos a utilização do cinema em sala de aula somente a partir de sua relevância para a temática trabalhada no conteúdo programático. Especificamente, a metodologia foi baseada na exposição do tema tratado, na projeção de filme diretamente ligado a cada temática e na discussão coletiva assentada na exposição, no filme e nas leituras previamente efetuadas. Além disto, os alunos aplicaram na prática as análises e discussões realizadas inicialmente, com a elaboração, em grupo, de pequenos vídeos. A ação permitiu, de forma mais clara, a compreensão do significado do cinema em sua utilização na sala de aula.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização de recursos audiovisuais para o ensino e aprendizagem fez com que muitos dos alunos se interessassem mais pelos conteúdos trabalhados em sala de aula, com a ajuda dos professores estes estudantes passaram a produzir seus próprios filmes. O resultado do curso de extensão foi uma amostra de curtas produzida pelos próprios alunos. Cabe ressaltar que todos os professores envolvidos receberam material específico sobre o discurso cinematográfico e os cuidados que se deve ter ao analisar um objeto fílmico, principalmente o uso de filmes de conteúdo histórico na sala de aula. Podemos observar pelos e-mails abaixo trocados entre mim e os professores o quanto os alunos se

desenvolveram, principalmente com relação às disciplinas e ao comportamento em sala de aula. Vejamos:

Oi Neemias... Esta acontecendo uma verdadeira revolução de Cineastas no campus...[...] Desde sua passagem. A Fabiana tem tido muito trabalho...rsrsrs... Ler e avaliar roteiros, filmagens, cenas, áudios. Enfim, a turma de informática empolgou muito... (Profª Ádria Borges Figueira Cerqueira)

Pois é, Neemias, eu que nada entendo de cinema estou acompanhado os alunos de longe, o trabalho maior sem dúvida é deles. Os líderes de cada grupo me mostraram roteiros e tenho acompanhado as filmagens e a empolgação dos meninos (precisa ver! foi uma injeção de motivação na turma: eles estão adorando!). Abraços, Fabiana. (Fabiana Lula Macedo)

Como podemos perceber pela fala das professoras, houve uma participação dos alunos que melhorou a autoestima fazendo com que as aulas fossem mais atrativas e dinâmicas. A metodologia usada foi apresentar os recursos básicos do mundo cinematográfico, levando os alunos e participantes dos cursos a se tornarem cineastas e a produzirem seus próprios filmes por meio do universo na qual estavam inseridos, trazendo suas experiências e vivências. Para isto, utilizamos recursos como celulares, câmeras e programas de edição do curso de Informática do IFG.

O público beneficiado foi em grande parte os alunos que participaram do curso e puderam produzir seus próprios filmes, a partir desta produção foi feita uma amostra de curtas que foi aberta a comunidade e aos pais. Os alunos produziram 3 vídeos, sendo dois curtas e um videoclipe, todos com enredo bem construídos. Um dos vídeos é inspirado na obra de Shakespeare, Romeu e Julieta, ambientado em pleno século XXI, em um romance trágico entre um garoto da periferia e uma menina de classe média alta, que enfrentam o cotidiano escolar, dos grupos das amizades distintas, do *bullying* e do preconceito entre as famílias. O outro enredo mostra dois casos de jovens que descobrem a sexualidade, problematizando a gravidez precoce na adolescência e o perigo que a AIDS representa no contexto atual, enfatizando a importância do sexo seguro e de quanto se banalizou a discussão da AIDS na atualidade. Este debate foi bastante intenso, como visto na foto 1.



Foto 1 – Debate de filmes a partir de temáticas trabalhadas em sala de aula com professores e alunos do Instituto Federal de Goiás (IFG/Campus de Goiás). **Autor:** Neemias Oliveira da Silva (2012).

Com esta perspectiva, podemos perceber o quanto o projeto de extensão foi importante, principalmente por envolver a comunidade local, alunos e professores que ministram aulas no ensino básico e profissionalizante (Fotos 2 e 3). O uso de recursos audiovisuais pode ampliar os horizontes pedagógicos dos professores dentro de suas práticas educacionais. Esta experiência extensionista fez com que despertasse no aluno a curiosidade, a motivação em trabalhar com o tema, incentivou os alunos a buscarem novos assuntos de relevância social, aproximando realidades distantes da sua própria realidade local.



Fotos 2 e 3 – Turma de alunos atendidos pelo projeto e espaço para exposição de filmes, Instituto Federal de Goiás (IFG/Campus Goiás). **Autora:** Ádria Borges (2012).

5- CONCLUSÕES

Os filmes têm sido, recorrentemente, utilizados como elementos sem conexão com a realidade dos alunos ou mesmo sem ligação alguma com o conteúdo programático das disciplinas ministradas em sala de aula. A partir do desenvolvimento do projeto entendemos que professores e alunos participantes passaram a entender e visualizar o cinema e o filme, especificamente, como instrumento relevante para o processo de ensino-aprendizagem em diferentes disciplinas. Entendemos, portanto, que esta discussão e ação foi importante para inserir o cinema como elemento de ensino entre os participantes. É necessário que a utilização de filmes e vídeos seja precedida e acompanhada de um debate sobre a sua relação com a realidade concreta e com o conteúdo trabalhado em sala de aula. Neste caso, acreditamos que este processo foi iniciado, pois o cinema passou a ser entendido em uma perspectiva mais ampla, tanto por alunos como por professores.

6- AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Direção e Coordenação de Extensão da Unidade Universitária de Goiás da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e aos professores e alunos do Instituto Federal de Goiás (IFG) da Cidade de Goiás, pelo apoio no desenvolvimento das atividades do presente projeto.

7- REFERÊNCIAS

BERNARDET, J. C. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
FERRO, M. **Cinéma et histoire**. Paris: Denoel Gonthier, 1977.
NAPOLITANO, M. **Como usas o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.
REIS, J. C. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papirus Editora, 1994